



FLORESTAR

ÁREAS VERDES EDUCADORAS

VEREDAS URBANAS

SESC GUARULHOS



Sesc

PELAS VEREDAS URBANAS

Atualmente, a maior parte das populações humanas vive nas cidades. Garantir a coexistência de todas as formas de vida em um sistema tão diverso e intensamente transformado representa um enorme desafio social e ambiental.

A presença de áreas verdes em ambientes urbanos corresponde, por sua vez, à possibilidade de integrar natureza e espaço construído, propiciando ambientes mais saudáveis e, ademais, o estímulo a uma relação qualificada com o meio ambiente, por meio do lazer, da experiência sensorial, da convivência e do intercâmbio de saberes.

Perceber a natureza em meio à cidade, com sua flora e fauna em constante movimento e adaptação, nos leva a sentir a urbe de maneira mais viva. Nossos trajetos rotineiros podem, nesse sentido, propiciar surpreendentes descobertas. Além disso, caminhar pela praça do bairro, zelar por uma árvore plantada na calçada, sentir o frescor da mata ou observar as plantas que crescem espontaneamente nas ruas religa-nos à natureza, tanto pelo encantamento como pelo conhecimento.

É com esse olhar que o Sesc reforça, no âmbito do projeto Florestar, o seu compromisso com a sustentabilidade, buscando efetivar o potencial educador das áreas verdes urbanas. Para isso, lança mão de ações e materiais voltados à sensibilização para esses aspectos, como é o caso deste guia, dedicado ao segmento de árvores presentes no Sesc Guarulhos.

Nessa travessia, cada um é convidado a observar a natureza, as espécies de árvores e as demais vidas que com elas interagem. Esse exercício pode se beneficiar, ainda, do entendimento de que somos capazes de intervir na realidade e que, portanto, é possível viabilizarmos cidades mais verdes e saudáveis.

BREVE HISTÓRICO DA CIDADE

Inicialmente conhecida como Nossa Senhora da Conceição, nome atribuído em 1560, pelo padre jesuíta Manuel de Paiva, a região já era habitada por indígenas guaramomis — um ramo dos guaianás.

Torna-se cidade Conceição dos Guarulhos em 1595, e em 1597 Afonso Sardinha já realizava atividades de mineração de ouro, no local hoje conhecido como bairro dos Lavras. O ciclo do ouro persistiu por mais de 200 anos, e posteriormente vieram as olarias instaladas ao longo das várzeas dos rios Tietê, Cabuçu e Baquirivu-Guaçu.

Sesmarias — que regularizavam a distribuição das terras para produção agrícola no período do Brasil Colônia — foram estabelecidas com grande interesse na região de Guarulhos entre os séculos XVII e XVIII. Registros das sumulas de produção do município no início do século XX enumeravam produtores de aguardente, arroz, café, feijão, milho, tabaco, carvão, vinho, além da criação de caprinos, suínos, bovinos e inclusive apicultura. A emancipação ocorreu em 1880, mas o nome atual da cidade só foi adotado em 6 de novembro de 1906.

Em 1915, foi efetivada a implantação de ramal ferroviário da região, Guapira-Guarulhos, administrado pela Cia. Cantareira até 1941. Tinha como finalidade principal transportar madeira, pedras e tijolos direcionados às edificações de São Paulo. Também no mesmo período chegou a energia elétrica (Light & Power) e rede telefônica.

A Biblioteca Pública Municipal foi inaugurada em 1940 e o primeiro Centro de Saúde da cidade em 1941; a Santa Casa de Misericórdia de Guarulhos uma década depois. Ao mesmo tempo chegaram indústrias dos setores elétrico, metalúrgico, plástico, alimentício, borracha, calçados, peças para automóveis, relógios e couros. O Aeroporto Internacional de São Paulo, no bairro de Cumbica, foi inaugurado em 1985.

Em 8 de dezembro de 2018, completou 458 anos como a cidade não-capital mais populosa do Brasil, sendo a 13ª maior população do país. Ao longo deste período o crescimento urbano ocorreu de maneira acelerada e desordenada, provocando problemas socioambientais como as ocupações irregulares, redução de áreas florestadas, aumento das áreas de risco e áreas degradadas.

GEOGRAFIA E HIDROGRAFIA

Há 1,5 bilhão de anos, antes mesmo da formação dos continentes sul-americano e africano, terremotos e vulcões eram eventos geológicos comuns no território onde está a cidade de Guarulhos. Rochas raras, conhecidas como marunditos, evidenciam que a região já foi um mar. Isto fez esta região ser catalogada como um dos patrimônios naturais brasileiros a serem preservados.

O ouro, motivo das primeiras ocupações na região, formou-se a partir da elevação de lava à superfície por meio de fissuras na crosta terrestre, aspecto que atrai e agrupa partículas formando pepitas de ouro associadas a cristais de quartzo, que se depositaram nos rios com as chuvas, gerando o ouro de aluvião.

O município está inserido na Serra da Mantiqueira, incluindo parte da Serra da Cantareira. É cortado por diversos rios, várzeas, planícies aluviais e colinas, aspecto típico da região onde fica o Sesc Guarulhos, com altitude aproximada de 720m, baixa declividade e solos argilosos.

Com clima tropical de altitude, apresenta temperaturas médias entre 17°C e 21°C com registros de geadas em alguns períodos do inverno. A média anual da umidade relativa do ar é de 81,1% e precipitação pluviométrica de 1.470 mm.

Guarulhos possui extensa rede hidrográfica com inúmeros rios, córregos, ribeirões e lagoas, incluindo milhares de nascentes protegidas pela vegetação de Mata Atlântica na parte norte. Mais de 80% do território pertence à Bacia do Alto Tietê dividida em quatro sub-bacias: Bacia do Rio Cabuçu de Cima,

Canal de Circunvalação, Rio Baquirivu Guaçu e afluentes diretos do Rio Tietê ao sul do município. A Bacia do Rio Paraíba do Sul escoa em direção ao Rio de Janeiro.

O centro histórico de Guarulhos e a região onde está localizado o Sesc ficam na sub-bacia do Canal de Circunvalação. Este canal é o antigo leito do Rio Tietê desviado ao sul, disponibilizando espaço para a implantação do Parque Ecológico do Tietê.

O Rio Tietê tem sua nascente no Município de Salesópolis, distante apenas 22 quilômetros do Oceano Atlântico. Segue em direção ao interior do estado de São Paulo, por 1.136 quilômetros, e sua bacia hidrográfica incide no território de 282 municípios. Por centenas de anos, o Rio Tietê teve grande valor cultural para todas as populações que viveram de suas riquezas.

O reservatório de águas do Cabuçu abasteceu São Paulo entre 1900 e 1973. Ficou desativado durante quase 30 anos e em 2001 começou a abastecer a população de Guarulhos, atualmente gerido pelo Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE). O Aeroporto Internacional realiza seu abastecimento integralmente por meio de poços profundos que fornecem mais de 5.000 m³ de água por dia.

Biodiversidade

O território original de Guarulhos abriga linda diversidade e fisionomias da Mata Atlântica, incluindo vegetação de altitude em meio a parte da cadeia montanhosa da Serra da Cantareira até as margens de inúmeros ribeirões, córregos e rios como o Tietê, com presença de vegetação de várzeas e até mesmo cerradinho. Essa paisagem altamente diversificada em espécies de flora e fauna, sendo a Mata Atlântica um dos biomas mais ricos em biodiversidade do mundo, sofreu um desgaste irreversível com o uso das terras para as mais diversas finalidades produtivas, incluindo a pressão da ocupação desordenada e o adensamento populacional.

Em 1994, foi outorgada pela UNESCO a Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo, área com relevância ambiental e ecológica que inclui remanescentes preservados na Serra da Cantareira e ao norte da cidade de Guarulhos. Estes locais conservam ativos ambientais com potencial turístico e educativo, um corredor ecológico estratégico para a recomposição ambiental, e mantém preservadas áreas protegidas.

Esforços para mapeamentos da diversidade de espécies de flora e fauna têm sido feitos por equipes de pesquisadores e também por programas com este foco criado pelo governo local. Levantamentos preliminares da fauna silvestre, publicados entre 2009 e 2010, divulgaram lista com 501 espécies incluindo mamíferos, aves e répteis, além de aproximadamente 30 espécies ameaçadas. Dentre as espécies de fauna, podemos citar tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*); cateto (*Pecari tajacu*); macuco (*Tinamus solitarius*); asa-branca (*Patagioenas picazuro*); sagui-da-serra-escuro (*Callithrix aurita*); sauá (*Callicebus nigrifrons*); jaguatirica (*Leopardus pardalis*) e suçuarana (*Puma concolor*).

Historicamente, junto às margens do Rio Tietê, ou “rio verdadeiro”, temos como referência os nomes indígenas dados ao rio que denotavam espécies habitantes de suas margens. Dentro estes nomes, Anhembi ou “rio de anhumas”, espécie de ave lembrada na bandeira e brasão da cidade de Guarulhos. Outros nomes indígenas pelos quais era conhecido o Rio Tietê referenciam flora e fauna da região, “Nhambi” pode ser interpretado como “erva rasteira de flores amareladas” e também “Anhamgi”, interpretado como “rio de veados”.

A flora da região incluía populações de araucária (*Araucaria angustifolia*), endêmica do Brasil e espécie ameaçada de extinção. Fisionomia particular dentro da Mata Atlântica de altitude, estas grandes árvores ocorrem naturalmente desde a região sul até a Serra da Mantiqueira, com passagem por São Paulo e Guarulhos. Esta espécie é conhecida por ser produtora do pinhão.

Dentre as espécies de flora mapeadas na região, podemos citar também capororoca (*Myrsine umbellata*); caxeta (*Psychotria vellosiana*); jacarandá-bico-de-pato (*Machaerium nyctitans*); peroba-vermelha (*Aspidosperma olivaceum*); angico-rajado (*Leucochloron incuriale*) – com indivíduos preservados no terreno da unidade do Sesc Guarulhos; canjarana (*Cabralea canjerana*); café-do-mato (*Amaioua intermedia*); guaçatonga (*Casearia sylvestris*); copaíba (*Copaifera langsdorffii*); tapiá (*Alchornea triplinervia*); jerivá (*Syagrus romanzoffiana*); jacarandá-paulista (*Machaerium villosum*); canela-cheirosa (*Ocotea odorifera*) e palmeira-juçara (*Euterpe edulis*).

PARQUES E ÁREAS VERDES

Guarulhos possui uma distribuição bastante irregular de vegetação. No entanto, há diversas Unidades de Conservação no município que auxiliam no equilíbrio térmico e protegem a biodiversidade, incluindo o Parque Estadual da Cantareira, o Parque Estadual do Itaberaba e a Área de Proteção Ambiental da Várzea do Rio Tietê, onde ficam preservados mananciais. Estas áreas sofrem inúmeras pressões causadas pelo adensamento urbano e populacional, sendo a integridade destes locais prejudicada progressivamente.

Na região mais central da cidade, a distribuição entre arborização urbana e áreas verdes é bastante irregular, aspecto ressaltado por uma pesquisa conduzida no ano 2000 onde Guarulhos obteve um índice de 3,4m² de vegetação por habitante, valor muito abaixo do total de 12m² indicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Esta indicação refere-se a uma área aproximada da soma da copa de 3 árvores de grande porte por habitante. Tais dados contribuíram para esforços de ampliação de áreas de conservação, criação de corredores ecológicos e na busca por aumentar a presença da natureza na cidade.

Algumas áreas verdes próximas do Sesc Guarulhos incluem o Bosque Maia, a mata da Base Aérea de São Paulo, o Parque Ecológico do Tietê, o espaço do Estádio Municipal Oswaldo de Carlos e o Parque Vilanova Artigas - CECAP (Caixa Estadual de Casas para o Povo). Estas áreas e todas as outras existentes no município exercem funções ecológicas importantes para a qualidade ambiental ao amenizar ilhas de calor; preservar recursos hídricos e proteger o solo; oferecer suporte para a fauna; diminuir a poluição do ar; regularizar os ventos; promover função estética apreciativa; lazer; entretenimento e recreação.

O Estádio Municipal Oswaldo de Carlos possui em seu entorno uma extensa área permeável e canteiros com potencial para receberem projetos de ampliação da biodiversidade nativa atrativa de fauna e até mesmo espaço para pomar. Na entrada do estádio, alguns canteiros são cuidados pela população onde plantam espécies de horta e frutíferas.

A Área de Proteção Ambiental Várzea do Alto Tietê, protege a vegetação das áreas alagadiças e matas ciliares em 7.400 ha. Neste espaço está localizado o Parque Ecológico do Tietê (PET) inaugurado em 14 de março de 1982 com projeto arquitetônico paisagístico de Ruy Ohtake. Possui uma área de 14,1 milhões m², dividida entre o Núcleo Engenheiro Goulart e o Núcleo Vila Jacuí. Proporciona atividades para mais de 330 mil visitantes todo mês e é administrado pelo DAEE (Departamento de Águas e Energia Elétrica), órgão subordinado à Secretaria de Saneamento e Recursos Hídricos do Governo do Estado de São Paulo.

Já o Bosque Maia, também conhecido como Recanto Municipal da Árvore, é o maior parque urbano de Guarulhos com 100.000m² tombado por indicação do Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Arquitetônico e Paisagístico. Possui área de mata com trilhas, lagos, pista de bicicross e um campo de futebol de areia. A biblioteca tem parte de seu mobiliário produzido com madeira proveniente de árvores caídas no município.

O conjunto habitacional que inclui o Parque Vilanova Artigas - Cecap foi concebido e construído a partir de 1968 e trata-se de importante marco na arquitetura modernista brasileira. Atualmente como continuidade do parque existe também a Praça Mamoras Assassinas que recebeu este nome em 11 de abril de 1996, em homenagem ao grupo musical originário da cidade.



GUIA DE ÁRVORES

Angico-rajado	14
Canafistula	16
Cerejeira-do-rio-grande.....	18
Eucalipto.....	20
Grumixama	22
Ipezinho-amarelo	24
Jacarandá.....	26
Jambolão.....	28
Jequitibá-rosa	30
Mulungu.....	32
Palmeira-indaiá.....	34
Pau-fava	36
Sibipiruna	38
Seringueira.....	40
Tipuana	42

ANGICO-rajado

Leucochloron incuriale

Família: Fabaceae

Altura média: 15 a 25 metros

Época de florada: junho a julho

Seu nome popular é devido à estética da madeira rajada. Ótima opção para arborização de ruas e avenidas em virtude de sua rusticidade e presença ornamental de suas folhas compostas, o que significa que são formadas por diferentes partes menores combinadas incluindo os folíolos e foliolulos (a menor estrutura foliar da composição). Adequada também para plantios de restauração de ambientes fluviais ou ripários – vegetação ribeirinha junto a um curso d’água em área inundável. Suas flores de cor creme são muito pequenas e por ter potencial melífero atraem muitas abelhas e diversas outras espécies de insetos. Os frutos são vagens de cor marrom clara e a semente achata, redonda, apresenta cor amarelada. A madeira é usada para mobiliário de luxo, folhas para revestimentos, caibro, esquadria, tábuas de assoalhos, dormentes, estacas, mourões de cercas, postes e vigamentos. Também pode ser utilizada na fabricação de instrumentos musicais.



canafístula

Peltophorum dubium

Família: Fabaceae

Altura média: 10 a 20 metros

Época de florada: setembro a março

Durante o inverno perde parte ou todas as folhas e costuma emergir em maior quantidade e velocidade em clareiras, tornando-se adequada para recuperação de áreas degradadas. Suas flores amarelas, perfumadas e vistosas apresentam um florescimento ornamental sobre a copa ampla e globosa. A inflorescência tipo espiga fica carregada de botões dourados que se abrem em flores da base ao ápice. O fruto é achatado, seco, lanceolado e portador de uma a duas sementes elípticas de fácil germinação após retiradas de dentro da vagem. Sua madeira rosada é moderadamente densa e de boa durabilidade, possui alto valor econômico. Utilizada na construção civil, na produção de dormentes, vigas, caibros, assoalhos, chapas, na indústria de móveis, na construção naval e ainda para fabricar carroçarias. Nas folhas, casca e madeira existe substância com efeito espumante. Também possui tanino na casca e madeira, substância que auxilia na fixação de pigmentos. E ainda, é uma boa opção de proteína, para compor a alimentação de animais.



CEREJEIRA- dO-RIO-GRANDE

Eugenia involucrata

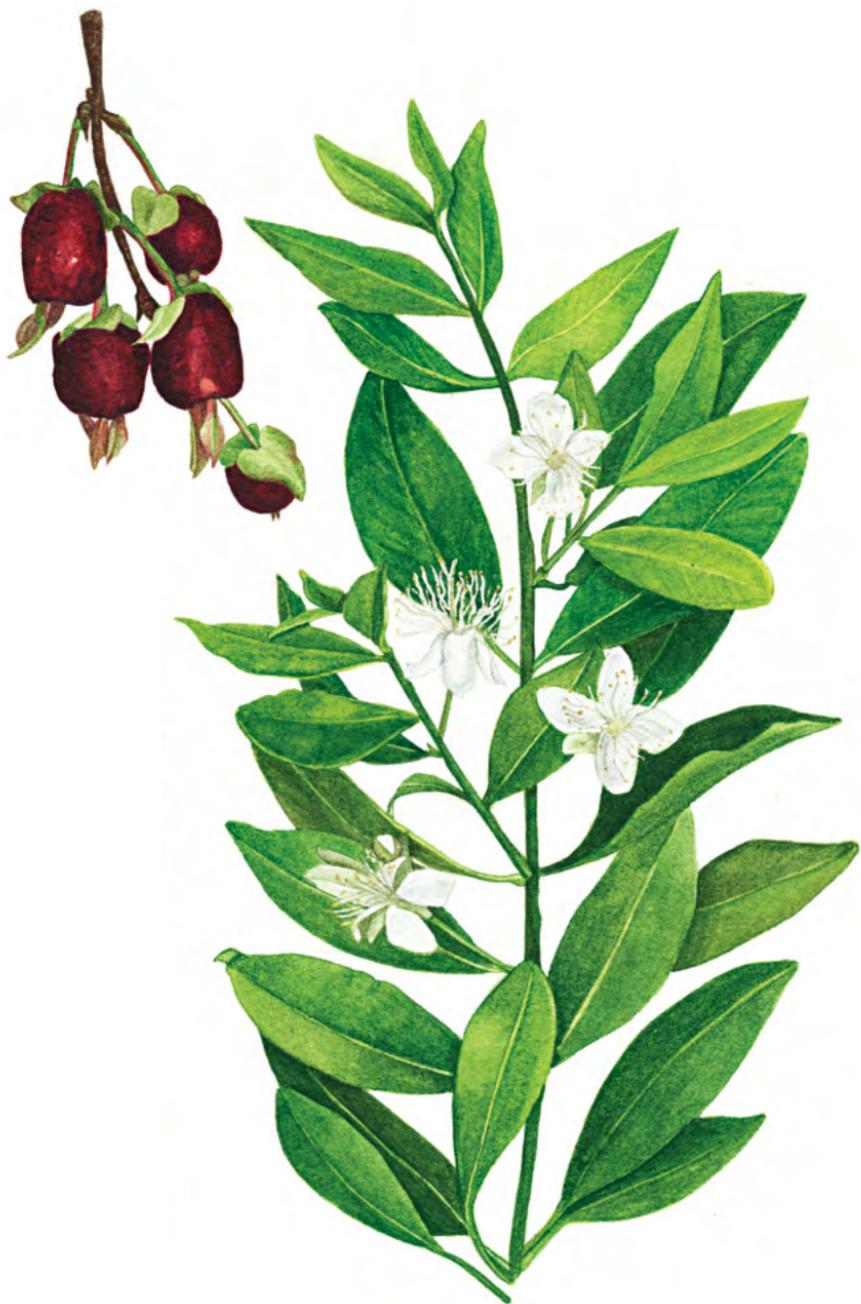
Família: Myrtaceae

Altura média: 8 a 15 metros

Época de florada: setembro a outubro

Frutífera muito cultivada nos pomares domésticos e comerciais do sul do Brasil. Suas folhas verde-claras dão destaque a árvore. O tronco é manchado em tons de verde com bege, com casca lisa e descamante, aspecto característico da família, assim como suas flores brancas delicadas que atraem muitas abelhas. Os frutos com formato alongado e cônico são consumidos tanto por espécies de aves frugívoras, como generalistas, a exemplo da saíra, jacu, tucano-bico-verde, sanhaço, sabiá, entre outros. Por isso, é também ótima indicação para plantios em áreas degradadas e de preservação permanente. De polpa suculenta levemente ácida, podem ser consumidos in natura, em geleias, sucos e licores. A polpa da fruta também pode ser congelada. Há diversas variedades que diferem quanto ao porte, sabor dos frutos e beleza ornamental.





Eucalipto

Eucalyptus tereticornis

Família: Myrtaceae

Altura média: 20 a 50 metros

Época de florada: maio a junho e outubro a novembro

Introduzidos no Brasil em 1910, por Navarro de Andrade. Em 1934, o primeiro Código Florestal Brasileiro incentivava o plantio de florestas homogêneas (monoculturas de eucalipto), em detrimento às matas heterogêneas. Desta maneira, tornou-se uma das árvores mais comumente cultivadas no Brasil. Juntamente com as sequoias norte-americanas, estão entre as maiores árvores do mundo. A diversidade de espécies existentes neste gênero permite diferentes aplicações e usos, como por exemplo: melífero, óleos essenciais, móveis, celulose, lenha e carvão, dormentes, postes, taninos, construções em ambientes marítimos, entre outros. Por não ser uma árvore nativa em território brasileiro, as relações ecológicas com a fauna são muito restritas já que não produz frutos comestíveis como recurso alimentar e também promove a liberação de compostos químicos no solo impedindo o desenvolvimento de outras plantas de espécies diferentes, como consequência uma área com eucaliptos terá sempre baixa diversidade de espécies de plantas e animais. Eucaliptos desenvolvem-se com grande rapidez e toleram cortes sucessivos do tronco a partir do quinto ano, dependendo da espécie.



GRUMIXAMA

Eugenia brasiliensis

Família: Myrtaceae

Altura média: 10 a 15 metros

Época de florada: setembro a novembro

Espécie endêmica brasileira que sofreu perdas consideráveis em sua população com a pressão do desmatamento da Mata Atlântica. As folhas são aromáticas e as flores brancas, com morfologia característica da espécie, atraem muitas abelhas. Os frutos comestíveis são muito saborosos, apreciados pelos pássaros e por grande variedade de insetos. Seus frutos podem ser consumidos ao natural, mas também como doce e até cristalizados. Existem variedades da fruta com a casca amarela, avermelhada, roxa ou preta. Cada fruto contém no mínimo duas sementes. Começa a produzir frutos com cerca de 4 anos. A casca do tronco é bastante rugosa. Espécie recomendada para arborização urbana e projetos de restauração ecológica, principalmente em locais próximos a cursos d'água em solos úmidos.





IPÊZINHO- AMARELO

Handroanthus chrysotrichus

Família: Bignoniaceae

Altura média: 8 a 20 metros

Época de florada: agosto a setembro

Os ipês são muito utilizados na arborização urbana de todo país por possuírem raízes que crescem mais em profundidade do que para os lados – ideal para calçadas estreitas. Em tupi-guarani ipê significa “árvore de casca grossa” e são muitas as espécies. São espécies endêmicas, pois ocorrem somente no território brasileiro, principalmente nas regiões do cerrado e caatinga. Suas flores com formato de trombeta ficam agrupadas nas extremidades dos galhos como pequenos buquês e podem até ser consumidas como salada. Atrativas para muitas aves, principalmente os beija-flores e periquitos, também convidam abelhas nativas para a polinização. Seus frutos – vagens alongadas – e folhas possuem pilosidade na superfície ficando com textura ‘aveludada’. As sementes delicadas são protegidas por uma fina película translúcida, permitindo serem levadas com facilidade pelos ventos. As sementes dos ipês têm pouco tempo de viabilidade germinativa, sendo mais férteis no momento em que a vagem abre espontaneamente.



Jacarandá

Jacaranda cuspidifolia

Família: Bignoniaceae

Altura média: 10 a 20 metros

Época de florada: agosto

Pertencente a uma família de plantas que possui exemplares com lindas flores, pode também ser chamado de caroba.

O formato das flores, similar a pequenas trombetas é comum entre espécies de jacarandás. Suas flores são muito atrativas para diversas espécies de vespas, abelhas, aves, morcegos, borboletas e mariposas. A tonalidade das flores é arroxeada-azulada e algumas vezes ao apontar um ipê-roxo ou azul, na verdade estão se referindo aos jacarandás muito presentes na arborização urbana. O formato das vagens do jacarandá lembra castanholas, quando secas são utilizadas como material para a criação de biojoias. As sementes leves e pequenas, com membrana translúcida são dispersas com facilidade pelo vento quando o fruto maduro se abre. Existem várias espécies de jacarandás nativos do Brasil em diferentes biomas. Nos últimos 15 anos, por meio dos programas de arborização com foco em recuperação da vegetação nativa, a espécie *J. cuspidifolia* tem sido mais plantada nas cidades.



JamboLão

Syzygium cumini

Família: Myrtaceae

Altura média: 15 a 20 metros

Época de florada: setembro a novembro

Seu fruto tem coloração roxa-escura quando maduro, polpa suculenta de sabor adocicado e adstringente, devido à presença de taninos e em seu interior possui uma semente. Adequados para o preparo de tortas, geleias, gelatinas, bebidas, sucos, vinhos, vinagres e picles. Pode ser consumido in natura sendo rico em ferro, proteína e outros minerais. Seu pigmento pode deixar suas mãos manchadas, assim como os tecidos das roupas, calçadas das ruas e até a pintura dos carros. Segundo a tradição hindu, Rama — um dos avatares do deus Vishnu, o ser humano perfeito, o homem ideal — alimentou-se somente desta fruta na floresta por 14 anos durante o seu exílio. Devido a isto, muitos hindus o denominam "fruto dos deuses". Flores brancas com estames longos e numerosos possuem estrutura típica das flores da família Myrtaceae. Prefere o clima quente e úmido, mas é pouco exigente quanto ao tipo de solo.



jequitibá-rosa

Cariniana legalis

Família: Lecythidaceae

Altura média: 10 até 60 metros

Época de florada: dezembro a março

Entre as árvores mais antigas do mundo, existe um jequitibá-rosa, o Patriarca da Floresta residente milenar do Parque Estadual do Vassununga em Santa Rita do Passa Quatro - SP. O tamanho e volume deste antigo jequitibá, que viveu em meio a tanta história e transformações, é de aproximadamente 40m de altura e 3.60m de diâmetro. São 190m³ de madeira – volume suficiente para fabricar cerca de 15mil cadeiras. Por seu porte monumental foi nomeada árvore símbolo do estado de São Paulo. Suas flores são pequenas e têm coloração creme. Seu nome comum se origina do tupi – yigiquityba ou iyquity'ba – pode ser interpretado como "árvore-de-tronco-rijo". Outros estudiosos indicam ser conhecido pelos índios pelo nome yiki-t-ybá com o significado de "árvore do fruto afunilado". Inicia o processo reprodutivo com cerca de 20 anos de idade. Os frutos contém de 10 a 15 sementes.



Mulungu

Erythrina falcata

Família: Fabaceae

Altura média: 10 a 20 metros

Época de florada: julho a outubro

O tronco apresenta casca rugosa, fissurada, na cor amarela acinzentada e presença de acúleos – estruturas pontiagudas que se soltam com facilidade, diferente de espinhos que são vascularizados e unidos estruturalmente às plantas. Na casca é encontrada uma substância química utilizada pelos índios para facilitar a pesca, pois deixam os peixes mais lentos. No inverno perde quase todas as suas folhas, que possuem estrutura composta trifoliadas. Suas flores vermelho-alaranjadas se organizam em cachos pendentes da extremidade dos ramos, além de serem visitadas por periquitos e papagaios procurando o néctar. Considerada uma PANC – Planta Alimentícia Não Convencional, existem inúmeras receitas culinárias que aproveitam o sabor das flores em combinações com carnes ou simplesmente refogadas e salteadas. Muito ornamental durante a florada, excelente para projetos de paisagismo e também para restauração ambiental por facilitar a melhoria da qualidade do solo. Sua frutificação é um legume achatado de coloração pardo-escura, com 3 a 15 sementes. As sementes similares a um feijão – porém não comestíveis, possuem estriadas rajadas. Os índios Guarani utilizam-se de sua madeira para a fabricação de artesanato.



Palmeira -indaiá

Attalea dubia

Família: Arecaceae

Altura média: 5 a 25 metros

Época de florada: setembro a fevereiro

"Indaiá" se origina do tupi ini'yá, "fruto de fios", por meio da junção dos termos inim (rede de dormir) e ybá (fruta), em referência à utilização das fibras para produzir redes. A palmeira foi fonte dos nomes de algumas cidades como por exemplo: Indaiatuba, Anajás, Estrela do Indaiá, Pedra do Indaiá e Anajatuba. O bairro São Sebastião, em Petrópolis, já foi chamado de "Indaiá". Possui entre vinte e trinta folhas por coroa, cada uma com dois a três metros de comprimento organizadas em ângulos de 45 graus. As folhas são empregadas para cobertura de pequenas construções rurais. A estrutura de sustentação da palmeira — similar a um tronco, porém chamada de estipe — é utilizada para construções rústicas. Os índios guaranis utilizam suas fibras como cordas para violinos e rabecas, tocados em suas músicas tradicionais. Como alimento, além do grande palmito, come-se uma região fibrosa do seu caule, mastigada como cana-de-açúcar, que possui um caldo com sabor muito parecido ao da água de coco. O fruto tem casca amarelada e um "bico" em uma das extremidades, com polpa adocicada, suculenta e fibrosa. As amêndoas, em seu interior, são também comestíveis, com elas se faz a "farofa de indaiá", prato típico de comunidades quilombolas, como, por exemplo, as dos arredores de Parati.



Pau-Fava

Senna macranthera

Família: Fabaceae

Altura média: 6 a 8 metros

Época de florada: dezembro a abril

Planta rústica de crescimento rápido e resistente a geadas. Pode ser cultivada com sucesso na recuperação de áreas devastadas. Excelente ao compor projetos paisagísticos devido a sua floração outonal muito ornamental. Ao mesmo tempo, atrai e fornece alimento para as aves durante o inverno. As flores nascem em cachos que ficam na ponta dos galhos, com pétalas de coloração amarelo dourado. Possui potencial como espécie melífera. Um dos seus nomes — manduí — vem do tupi guarani e significa “líquido verde”, referindo-se a polpa verde na parte interna dos frutos, em volta das sementes. Seus frutos — visados como recurso saboroso pela fauna — são vagens cilíndricas esverdeadas, mesmo quando maduras, mas para consumir é melhor colher ainda fechados quando estiverem macios e com a polpa bem líquida. Para saborear, aperte levemente a casca até se romper e sair uma polpa verde de sabor similar a uma limonada bem doce. As sementes arredondadas, achatadas e brilhantes têm cor bege.



sibipiruna

Poincianella pluviosa

Família: Fabaceae

Altura média: 8 a 16 metros

Época de florada: agosto a novembro

Sua copa elegante com folhas verdes delicadas fornece ótima sombra em muitas ruas e avenidas da cidade.

As lindas inflorescências cônicas despontam, sobre a copa da árvore, apontando para o céu. Pequenas flores amarelas se abrem sucessivamente da base até o ápice criando um lindo contraste com os botões escuros. No inverno perde parte ou todas as suas folhas mudando completamente a paisagem dos locais onde habitam; nesta época seus galhos escultóricos podem ser apreciados pelos caminhos. A casca descamante e cinza é uma característica marcante da espécie. Pode ser utilizada em projetos de recomposição florestal por apresentar crescimento rápido e alta taxa de germinação. Os frutos são vagens achatadas verdes e quando amadurecem ficam com tonalidade marrom, ao secar torcem de forma que expulsam as sementes para longe da árvore mãe, provocando um arremesso por propulsão. As sementes são achatadas e marrons, fáceis de achar nas calçadas das cidades enquanto as crianças brincam de pisar nas vagens secas para ouvir seu estalar.



SERINGUEIRA

Hevea brasiliensis

Família: Euphorbiaceae

Altura média: 20 a 30 metros

Época de florada: agosto a novembro

Vive na região amazônica preferencialmente na margem de rios e lugares inundáveis com solos argilosos e férteis. Existem 11 espécies de seringueira do gênero *Hevea*. O látex extraído do seu tronco é transformado em borracha de excelente qualidade e sua exploração econômica no passado representou a maior atividade comercial da região, tornando o Brasil por muito tempo, o único produtor e exportador deste material. Suas sementes fornecem óleo utilizado na indústria de tintas e vernizes. Atualmente o estado de São Paulo é o maior produtor de borracha do país com fazendas produtoras principalmente na região centro-oeste. Utilizada desde tempos remotos por astecas e maias, a borracha vegetal é um marco social, histórico e econômico na sociedade moderna. Sementes da árvore nativa da região amazônica foram contrabandeadas, no final do século XIX, para gerar cerca de três mil mudas no Jardim Botânico de Kew, na Inglaterra. Estas mudas, germinadas em território inglês, foram levadas para Sri Lanka, Indonésia e Cingapura, expandindo ainda mais a produção mundial desse insumo tão nobre.



TÍPUANA

Tipuana tipu

Família: Fabaceae

Altura média: 9 a 15 metros

Época de florada: setembro a dezembro

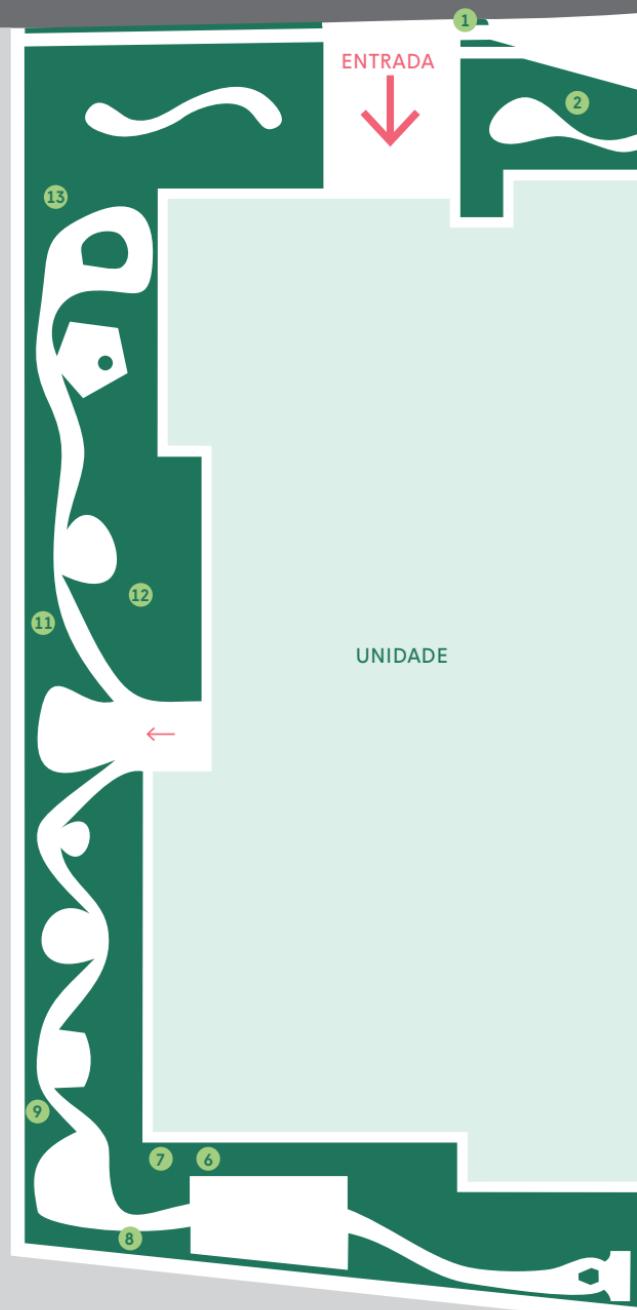
Uma das árvores mais comuns na arborização da cidade de São Paulo e em outras cidades do Brasil entre as décadas de 1950 e 1960. Seus frutos com estrutura aerodinâmica são dispersos pelo vento. Coletar alguns no chão e observá-los voar como “helicópteros” é uma excelente brincadeira. A casca com superfície rugosa e fissurada torna-se local ideal para grande diversidade de epífitas como bromélias, orquídeas e a samambaia-grama — espécie facilmente observada recobrindo seu tronco. De julho a novembro, no período de floração, podem ser apreciados sob suas copas, tapetes amarelos de flores. Um uso alternativo da espécie é que suas folhas podem compor a dieta de animais como o gado. A madeira é bastante clara e leve. Interessante observar a oxidação da seiva desta espécie quando podada ou sofre algum corte, ela fica vermelha e chama a atenção das pessoas por visualmente remeter a cor do nosso sangue.

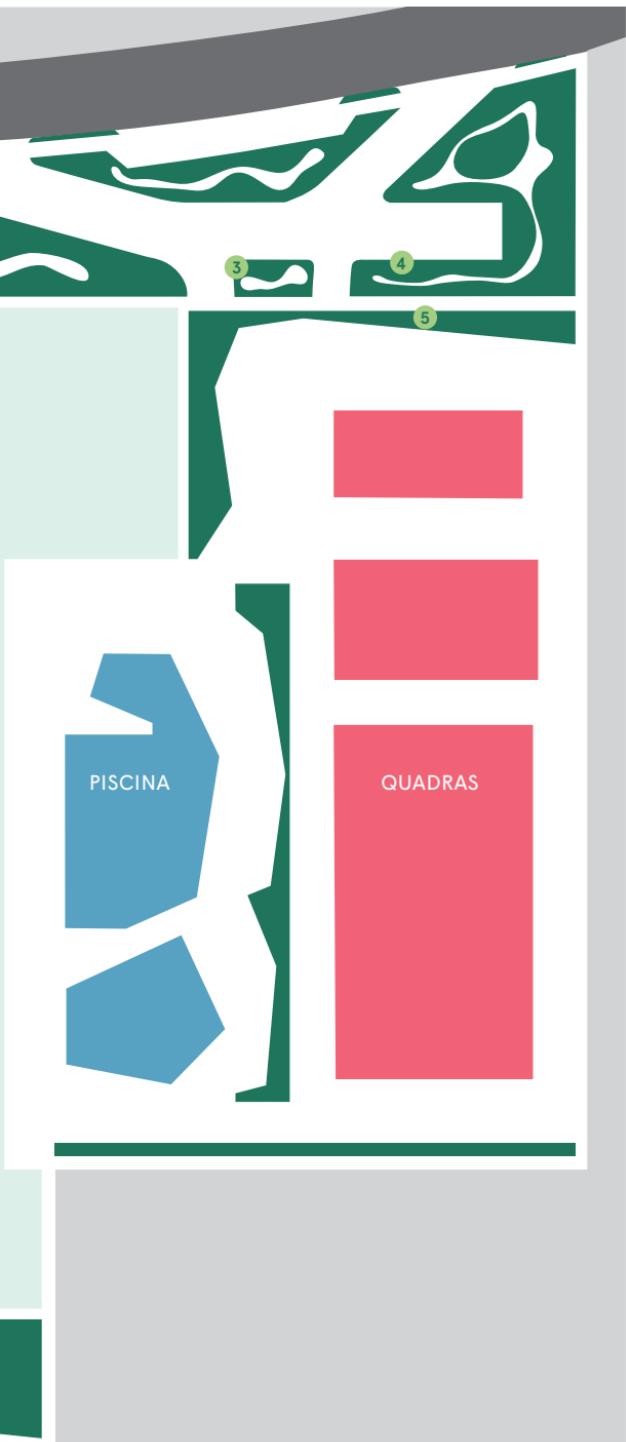


15

14

RUA GUILHERME LINO DOS SANTOS





LEGENDA

- 1 Ipezinho-amarelo
- 2 Jequitibá-rosa
- 3 Mulungu
- 4 Palmeira-indaiá
- 5 Jacarandá
- 6 Grumixama
- 7 Cerejeira-do-rio-grande
- 8 Pau-fava
- 9 Seringueira
- 10 Eucalipto
- 11 Sibipiruna
- 12 Angico-rajado
- 13 Jambolão
- 14 Tipuana
- 15 Canafistula

ILUSTRAÇÕES CARLA GAROFALO
PESQUISA E TEXTOS JULIANA GATTI

MAIO DE 2019



SESC GUARULHOS
Rua Guilherme Lino dos Santos, 1200
Tel. (11) 2475-5550

SESCSP.ORG.BR